



Artigos Originais

O uso de drogas e a prática de delitos: Um estudo com os detentos do Presídio Regional de Blumenau

Drugs use and petty crimes: A study with prisoners of Blumenau Regional Prison

Fernanda Martinhago¹

Márcia Cristina Gonçalves de Oliveira Frassão²

¹ Psicóloga, Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² Mestre em Psicologia. Professora Substituta da Universidade Federal do Paraná.

RESUMO – O objetivo do presente artigo foi analisar a relação entre o uso de drogas e a prática de delitos aparece com frequência na população carcerária do Presídio Regional de Blumenau. Buscou-se desenvolver esta pesquisa com o objetivo de compreender a relação entre o sujeito que pratica o delito (preso) e o uso de drogas. Foram selecionados os relatos de dez detentos do sexo masculino, com idade entre 20 a 32 anos, todos reincidentes, usuários de drogas, que estão cumprindo pena por furto, roubo (assalto) ou tráfico de drogas. Para realizar a análise foram elaboradas categorias com fundamentação na análise de conteúdo proposta por Bardin. Através dos relatos constatou-se que desde a infância os sujeitos já sofriam situações de violência, que iniciaram dentro do âmbito familiar, expandiram-se na comunidade, tiveram ênfase nas instituições corretivas para adolescentes e hoje no presídio. Desta forma, o uso de drogas acaba sendo um paliativo para o alívio do mal-estar. Percebe-se que o uso de drogas e a prática de delitos estão interligados, constituindo assim, uma parceria perfeita para transgredir a lei.

Palavras-chave: Uso de Drogas, Prática de Delitos, Detentos.

ABSTRACT - This is a exploratory and qualitative research paper. It is considered a research-action because it involved interventions with subjects that were part of the research. It could be seen from work done in Blumenau Regional prison, that a relation between drugs use and petty crimes was common among prison populations. The objective of this research was to understand the relationship between subjects responsible for petty crimes and the use of drugs. Ten male prisoners, aged between 20 and 32 were selected. All were recidivists and drug users, receiving sentences for theft, robbery, assault or drug traffic. Categories, based on Bardin's methodology, were developed to analyze prisoners accounts. It could be seen from the accounts that, from their childhoods onwards, prisoners suffered situations of violence which began in their family environments. These violence situations expanded into the community and were repeated in corrective institutions for adolescents and later in prisons. The drug use became a palliative for the alleviation of negative feelings. It could be perceived that drug use and petty crimes were interrelated: a perfect partnership for law breaking.

Key-words: Drug use, Petty crimes, Prisoners

1. INTRODUÇÃO

No Brasil há um grande consumo de tóxicos e paralelamente o crescimento das práticas ilícitas, principalmente o tráfico de drogas, que consequentemente promove o aumento da população carcerária. O tráfico de drogas tornou-se uma atividade atrativa pela facilidade de obter ganhos satisfatórios, assim com a existência deste mercado, o consumo de drogas se proliferou em todas as classes sociais. Alguns usuários de drogas, principalmente da população mais pobre, para sustentar o vício, muitas vezes, praticam delitos que proporcionam lucro financeiro imediato como furto, roubo (assalto) e o tráfico de drogas. Estes crimes são o motivo da existência da grande massa carcerária, sobressaindo a qualquer outro tipo de delito¹.

A droga representa um “produto ideal” no sistema capitalista, a “mercadoria por excelência”, neste âmbito o cliente é que rasteja e suplica pelo produto, não há necessidade de vendê-lo ao seu consumidor, este é vendido ao seu produto, ou seja, o usuário de droga é refém do próprio produto que consome. Salienta-se que o sistema capitalista conforma um contexto social que contribui para que haja grande

Autor correspondente

Fernanda Martinhago

Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva

Universidade Federal de Santa Catarina.

Florinópolis (SC) – CEP 88040-970

Fone: (48) 3721-938

Email: matinhagofernanda@gmail.com

Artigo encaminhado 03/07/2011

Aceito para publicação em 10/09/2011

número de usuários de drogas e praticantes de delitos².

No mundo contemporâneo há uma busca desenfreada pela felicidade, onde o sujeito precisa enfrentar as dificuldades sem demonstrar suas fraquezas, requerendo que ele seja auto-suficiente, não precisando do outro. O sujeito toxicomaniaco tem a visão de um mundo sem mistério, onde não existe a transcendência, não acredita na divindade, não há nada almejavél na humanidade. Desta forma, o sujeito busca enfrentar a adversidade sem passar por algum transtorno e através desse atalho que pensa enfrentar o mal-estar do desejo².

Pode-se pensar na toxicomania como uma busca pela satisfação, que faz com que os sujeitos permaneçam desejando, sempre na tentativa de conquistar o objeto. Santiago^{2:p.12} menciona que a droga vem “como uma construção que permite ao sujeito tolerar os efeitos imprevisíveis e angustiantes do gozo do corpo.” Para este autor² é apenas no efeito do discurso que a toxicomania pode ser vista como uma nova forma de sintoma, ou seja, um sintoma da moda, na medida em que se constitui como um gozo que se produz no corpo. As formas do sintoma mudam no decorrer do tempo, seguindo o processo de mudanças das configurações dominantes do mal-estar na civilização.

O sintoma é uma manifestação do inconsciente referente ao sofrimento humano, uma queixa, algo que incomoda, vem denunciar o que ficou recalado, seria uma saída diante da falta do Outro. Segundo Freud^{3:p.363}, “(...) o sintoma emerge como um derivado múltiplas? vezes distorcido da realização do desejo libidinal inconsciente, uma peça de ambigüidade engenhosamente escolhida, com dois significados com completa contradição mútua.”

Apesar de queixar-se do sintoma, este não é algo irreconhecível pelo sujeito, há uma satisfação por este sofrimento. Em muitas? situações, é através desse sintoma que o sujeito consegue ocupar um lugar diante do Outro, fazendo com que seja percebido e receba a atenção que deseja. Esta modificação é uma função do conflito psíquico sob pressão, que forma o sintoma. Segundo Freud^{3:p.363}, o sintoma aparece por um “(...) caminho indireto, via inconsciente e antigas fixações, a libido finalmente consegue achar sua saída até uma satisfação real – embora seja uma satisfação restrita e que mal se reconhece como tal.”

No decorrer de sua trajetória o sujeito ficou ancorado a algum lugar no seu passado, aparecendo assim, o sintoma como um substituto dessa satisfação frustrada. Através da história de sua vida pode-se

retroceder a estádios anteriores de seu desenvolvimento, revendo a ligação do sintoma com suas escolhas objetais. Os relatos sobre a infância do sujeito, a realidade é vista com outro valor, não é questionado se essas experiências foram construídas ou recordadas, considera-se que é por este prisma que o sujeito se enxerga. Conforme Freud^{3:p.370}, “as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva.”

Mediante os percalços insuportáveis da vida, a droga surge como uma técnica substitutiva que auxilia o sujeito. Esta “construção substitutiva”² auxiliar, que é a toxicomania, intervém justamente no ponto em que o sintoma torna-se uma saída insuficiente diante do mal-estar do desejo. Para Santiago², a toxicomania não é um sintoma, é concebida como um ato de substituição, que se forma como uma tentativa indireta de limitar o gozo, sem o intermédio do retorno do recalado.

Quando o sintoma torna-se um mecanismo ineficaz, o próprio sujeito busca outros recursos como estratégia para viabilizar essas manifestações daquilo que ficou recalado, que aparece, via droga, sem intermediários. Essa construção substitutiva, instaurada através do tóxico, está ligada ao fracasso do regime de satisfação do sujeito, que é típica característica do sintoma. Sendo assim, com a fragilização do sintoma, o sujeito busca outro artifício como recurso.

A droga vem como um instrumento de mediação entre o interior e o exterior, portanto, aquilo que se vê no mundo externo não é suficiente para entender a vida psíquica do sujeito. Se o próprio sintoma não se faz suficiente, talvez seja o auxílio da droga que faz com que o sujeito suporte aquilo que para ele extrapolou seus limites. A realidade contemporânea vista sobre a droga, parece ser apenas dos efeitos externos, onde ela atua em um sistema biopsíquico. Esse acesso a realidade é totalmente precário, a proposta da psicanálise, em relação à droga é justamente de um desacordo entre o psiquismo e a realidade, com o objetivo de desvendar por quais razões a droga ocupa um lugar proeminente na vida do sujeito².

Para psicanálise é impossível pensar em uma relação imediata com a realidade objetiva e exterior, quando o que está em questão é sujeito do inconsciente. Os fragmentos da realidade externa são válidos justamente por passarem por um sistema de marcas e inscrições no aparelho psíquico^{2,3}. A

dissolução entre os fatores internos e externos está necessariamente vinculada à mediação deste psiquismo, sendo assim, é possível falar da realidade de uma relação entre a droga e o sujeito.

Esta pesquisa surge através da participação no Programa de Atenção aos Egressos do Presídio Regional de Blumenau, sendo este um projeto de extensão da Universidade Regional de Blumenau. O objetivo do programa é prestar atendimento ao sujeito privado de liberdade e ao egresso do Presídio Regional de Blumenau, através de práticas interdisciplinares, contemplando os campos da saúde, justiça, social e psicológico. No decorrer das práticas desenvolvidas no presídio, observou-se que a relação entre o uso de drogas e a prática de delitos aparecia com frequência entre a população carcerária. As histórias se repetiam nas falas dos detentos, sendo parte da população carcerária reincidente revelava não conseguir parar de cometer infrações em razão da dependência de drogas.

Os sujeitos no período em que estão presos, apesar de alguns apresentarem crises de abstinência, conseguem suportar ficar sem a droga. Quando a pena acaba e se deparam com o meio social no qual viviam antes de serem presos, retornam ao uso de drogas e conseqüentemente a cometerem delitos ou vice-versa. A analogia entre a droga e o delito está demarcada no contexto social e promove o temor da sociedade no que diz respeito à violência. As drogas, portanto, vêm como um instrumento que viabiliza toda essa situação. Diante deste cenário buscou-se desenvolver esta pesquisa com o objetivo de compreender a relação entre o sujeito que pratica o delito (preso) e o uso de drogas.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de caráter exploratório por proporcionar uma maior compreensão do problema, com a finalidade de torná-lo mais explícito. É caracterizada como pesquisa-ação por existir uma prática que intervém nos sujeitos que fazem parte da pesquisa.

Segundo Pacheco; Coelho; et al⁴, na pesquisa psicanalítica é o pesquisador quem demanda, pelo fato de ir ao encontro dos entrevistados. Para o autor, a condição ideal para a investigação psicanalítica é o processo analítico, numa relação inter-humana, tendo como base a fala e a escuta. A técnica da clínica psicanalítica acontece a partir das relações transferenciais.

Durante um ano de atendimento psicológico foi realizado o acompanhamento de vinte detentos. Desta população foram selecionados os relatos de dez detentos do sexo masculino, com idade entre 20 a 32 anos, todos reincidentes, usuários de drogas, que estão cumprindo pena por furto, roubo (assalto) ou tráfico de drogas. Os relatos dos sujeitos foram transcritos durante os atendimentos, que durava em torno de cinquenta minutos, desta forma foi possível a posteriori utilizar o material para a pesquisa.

Para fazer a análise dos dados foram elaboradas categorias dos relatos dos detentos, com fundamentação na análise de conteúdo proposta por Bardin⁵. Segundo a autora, este método busca conhecer o que está por trás das palavras, proporcionando o conhecimento de outras realidades através destas mensagens.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade de Blumenau, seguindo todos os procedimentos previstos na Legislação Brasileira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Constituição do sujeito

3.1.1 A infância

Nesta fase a criança está voltada para os pais, buscando uma identificação para se estruturar enquanto sujeito, é o momento de estar internalizando as leis, fazendo dos pais o seu modelo, se constituindo como um ser desejante. Todos aqueles que estão ao seu redor, família, comunidade, escola são contribuintes para a conquista de seu lugar neste social.

Quando era pequeno engraxava sapato, a caixa era maior que eu. Quando eu tinha 11 anos ficava num tipo de creche só que para criança grande, ali eu conheci outros que roubavam (...), vim com eles para Blumenau para engraxar sapatos, eles começaram a roubar e deixavam as coisas comigo, depois nós dividia tudo, eu vi que começou a render e conheci a vida de roubo (C. 23 anos).

Comecei a roubar eu tinha oito anos, meu falecido irmão e minha falecida irmã me levavam para eu entrar nas casas, eu era magrinho, pequeninho entrava em qualquer janelinha. Eles tomavam back e me levavam junto para mim roubar as coisas para eles trocarem por drogas (D. 23 anos).

Para a criança tudo é uma brincadeira, uma forma de se relacionar com o outro na busca da satisfação, o que vai determinando sua forma de ser. O brincar da criança é um exercício de transição entre o interior e o exterior, onde ela

constrói um espaço potencial, que de certa forma está protegido, e posteriormente sustentará o campo cultural do adulto⁶.

Meu pai sempre me batia muito, ele era alcoólatra. O conselho tutelar me recolhia na rua levava para casa, conversava com meu pai para ele não me bater mais, na hora ele concordava com tudo, mas depois que eles iam embora, era só fechar a porta e daí que o pau comia. Daí eu fugia e assim era [...] (D. 23 anos).

Se eu seguisse a educação do meu pai, rígida, não era para eu estar aqui. Meu pai não deixava usar boné, brinco, ir para rua brincar com os outros, soltar pipa, brincar com bolinha de gude (...). Ele me batia muito, me amarrava na cama para eu não sair(...), uma vez quando eu acordei já estava amarrado para não sair(...). Uma vez ele chegou em casa e disse: não cortou esse cabelo ainda? Pegou uma faca e arrancou meus cabelos, essa foi demais (...). Em compensação ele dava tudo para gente, menos diálogo (...). Tudo que eu fazia ao contrário daquilo que meu pai falava me dava prazer porque ele ficava com raiva (J. 25 anos).

As histórias da infância desses sujeitos são repletas de violência, negligência e repressão. O comprometimento do seu trajeto de vida já inicia nas suas relações primárias (pai, mãe e suas funções), o que Passetti⁷ denominou de violência fundante, onde nenhuma instituição (escola, instituição corretiva) dá conta de decifrar o desejo do sujeito.

3.1.2 A adolescência

É nesta fase em que há uma identificação maior com o grupo. Rassial⁶ menciona que a adolescência geralmente é marcada pelo questionamento da função paterna. O adolescente, algumas vezes, é culturalmente visto como um delinqüente, o que contribui para que ele se identifique com este papel, passando a transgredir pelo olhar social, pois é assim que ele é reconhecido pelo outro.

Eu fiz tratamento para droga uma vez durante quatro meses, mas depois saí e tive uma recaída, nunca mais deixei. Eu fiquei dos 13 aos 15 na Fucabem, eu fugia eles me pegavam de volta e assim foi durante 2 anos. Lá eu fiz a escola do crime, aprendi a abrir cofre, arrombar carro, entrar nas casa, tudo o que eu sei eu aprendi lá, daí não teve mais jeito (...) vivia pela rua roubando para comprar droga (D. 23 anos).

Fazia programas por causa do dinheiro(...) comecei com 14 anos, tinha recém saído da Fucabem (...) Já eu aprendi tudo, (...) eram 70 na mesma ala, saí de lá bandido (D. 23 anos).

Eu levantava de manhã fumava um, quando os vizinhos me viam logo já iam fazendo as encomendas, eles sabiam que eu roubava mesmo(...). 'Se me trouxeres uma televisão te pago 150, traz um microondas de dou tanto' e eu saia atrás das coisas. Aí rolava tudo, bebia, fumava, dava uma bola na pedra (D. 23 anos).

A reincidência denuncia o fracasso das instituições que acabam sendo formadoras de delinqüentes, verdadeiras escolas do crime. Quando voltam às ruas, os adolescentes parecem não encontrar outra forma de vida, senão a transgressão à lei.

Eles morreram de Aids, meu irmão tinha 23 e minha irmã 24. Nesta época eu estava na Fucabem, eu tinha uns 13 anos, isso foi o que mais me revoltou, eles não deixaram eu sair nem para ir no enterro... Meus pais tentaram se matar, meu pai cortou os pulsos, minha mãe tomou 200 comprimidos e foi parar no hospital. Eu já tive tanto problema nesta vida (D. 23 anos).

Neste momento de transformação da infância para a adolescência, o sujeito é tomado por uma série de percalços insuportáveis, os quais precisa sobreviver. Segundo Rassial⁶,^{p.114}, "a adolescência é a busca de uma farmácia, de um fármakon, de uma droga secreta, de um filtro, mas também de uma senha que possa provocar um suplemento da alma." Através da droga o adolescente suporta a falta, aliviando o mal-estar.

3.1.3 A relação com a família

Há o desejo nos sujeitos de um novo projeto, longe da prisão, do crime e das drogas, mas a efetivação deste ideal parece estar distante. O processo de repetição da vida de seus pais perpetua, se adequando apenas às modificações da cultura. O desejo de constituir família e dar exemplo de bom pai está apenas num? imaginário influenciado pelo discurso social. As relações desses sujeitos com seus familiares estão permeadas pelos ressentimentos e marcas que foram registradas no decorrer de sua trajetória. O resgate desse novo projeto depende de toda sociedade e principalmente no investimento do sujeito nesse desejo.

Meu pai é um cara que não é de falar, baixa a cabeça e escuta, e minha madrasta maltratava ele. Ele baixava a cabeça e ficava quieto, isso me dava uma raiva. Ela dizia para ele que eu não prestava, que eu ia estuprar as minhas irmãs, eu ficava revoltado (C. 23 anos).

Meu pai bebia, minha madrasta batia nele(...). Eu não suportava, uma vez avancei nela. (...) Muitas vezes, quando era pequeno fui buscar meu pai no bar (C. 23 anos).

Para que o pai seja reconhecido como aquele que representa a Lei, é necessário que a mãe o reconheça neste lugar. Nesta situação, o filho sente que o pai está sendo humilhado e encontra na bebida do bar a satisfação.

Estou com saudade da minha família, meu pai disse que é melhor eu continuar preso, eu entendo ele (C. 23 anos).

A impossibilidade do pai de ter feito a interdição faz com que aceite a interdição da lei do Estado, mesmo que esta seja o encarceramento. Através do sentimento de culpa o sujeito dá razão à opinião do pai.

Meu pai conta que fumava maconha e já foi preso, provavelmente roubava, mas isso ele não conta, é claro(...) (D. 23 anos).

O processo de repetição evidencia a dificuldade de quebrar este círculo vicioso, que é transmitido de geração para geração através de suas histórias.

Quando eu sair vou para casa do meu tio, para minha casa não volto porque eu e meu pai temo richa, se eu voltar lá é capaz de eu matar ele, hoje em dia é tanto filho matando o pai por aí, por isso eu já evito nem vou lá (B. 25 anos).

O mito do Édipo parece se efetivar, a vontade de matar o pai ultrapassa o imaginário e os sonhos, vai direto da pulsão ao ato. Ao denominar sua vontade o sujeito naturaliza - matar o pai - pelo efeito do discurso contemporâneo.

Se pau adiantasse eu não era essa vara torta (...) o mais bonito que tem é um pai sentar e conversar com o filho. Espancamento não adianta (D. 23 anos).

O Outro precisa tê-lo como objeto de amor, não de ódio. O pai não proporcionava o diálogo desejado, agia com violência na tentativa de impor o limite.

Quero visitar minha família, estou com saudades dos meus sobrinhos, quero um dia poder ter a minha família, esposa, filhos, para isso tenho que dar exemplo (C. 23 anos).

Eu queria que meu filho tivesse uma história diferente da minha, eu queria mostrar para ele que o que o pai dele passou sirva de exemplo para ele não fazer igual. Eu queria mostrar que passei por tudo isso, mas consegui me recuperar (D. 23 anos).

Através dos relatos percebe-se que desde a infância já estavam convivendo com a violência, com práticas ilícitas, o consumo de drogas por familiares e alguns viviam em situação de miserabilidade. Desta forma, a exclusão pelo social e a identificação como um de fora vão contribuindo para a existência deste lugar que vem a ser ocupado por este sujeito. O fato de passarem já na adolescência por uma instituição corretiva faz com que se efetive essa identificação com o crime e as drogas. Atualmente, na prisão refletem sobre seus percursos e concluem que não tiveram possibilidades por pertencerem a um círculo que permanece estagnado na história desde seus antecedentes. As drogas ocupam um lugar proeminente em suas vidas, como um remendo na fissura que nunca sutura.

3.2 A droga e o delito

3.2.1 Uma construção substitutiva ao sintoma

Para Santiago², o toxicômano diante do mal-estar do desejo utiliza a droga como uma técnica substitutiva ao sintoma. O sujeito submetido ao objeto (droga) violenta o corpo que fica dominado pela pulsão, ou seja, sem poder pensar no ato. O delito passa a ser um convite.

No dia em que me pegaram, não lembro de nada, só sei que estava no cofre(...) quando a polícia chegou. Acordei aqui, todo sujo de sangue, todo machucado, o pessoal que me ajudou, não lembro de nada, estava drogado (C. 23 anos).

O problema do cara é quando usa droga, de cara a gente não faz nada, com a droga não tem medo de nada, é o cara (...) pode matar, roubar(...) sem a droga o cara pensa antes de agir (...), se vai matar o sujeito pensa (...), eu já vi o cara matar por causa de uma fumada que o outro não passou, por causa de uma carreira de pó, se o cara não ta drogado

ele não faz isso. Fico imaginando que poderia ter sido eu no lugar do outro que morreu (C. 23 anos).

A droga possibilita que o sujeito tenha junto a ele este Outro, que dotado de poder propicia um movimento direto ao ato, sem a manifestação do recalcado.

Pratico o crime pensando na droga (...)quando ela acaba preciso de mais (J. 25 anos).

O problema é a droga, ela que destrói o cara (...)cocaína eu não gosto muito de cheirar, só fumo maconha e a pedra (crack). Se eu tivesse alguma coisa lá, TV, rádio eu já tinha trocado tudo por pedra (C. 23 anos).

Não gosto de beber (...) quando fumo fico preguiçoso, vadio, não saio para roubar, já com a pedra, a cocaína, já é diferente, bate a fissura (C. 23 anos).

A “fissura” para o sujeito representa o desespero em consumir a droga, é o momento crucial em que faz qualquer coisa para obtê-la. Pode-se pensar, numa analogia com a fissura psíquica, a qual Lira e Carvalho⁸ definem como conteúdos não estabilizados de maneira viável, que precisam ser trabalhados no sujeito. Estar na fissura é algo que incomoda, é insuportável para o sujeito, portanto, não tem ameaça de punição que segure essa busca pela satisfação imediata do mal-estar do desejo. A droga é o gozo absoluto sem a interdição.

3.2.2 O pedido de continência

Conforme Philippi⁹, os sujeitos precisam de uma lei que possa coibir suas condutas. O pedido de controle da instituição, a interdição, a Lei que funda, estrutura.

É difícil deixar da droga, não adianta eu falar que dessa água não beberei, porque quando eu tiver lá fora vai ser difícil, se não tiver onde me apoiar(...) (J. 25 anos).

Não tenho dinheiro, vou roubar para usar droga (...) o que eu preciso é de um tratamento não isto aqui (...)aqui o cara só apanha e sai mais revoltado (I. 25 anos).

Enquanto estão presos parece mais fácil suportar ficar sem a droga, apesar de alguns terem crises de abstinência, mas quando retornam ao contexto em que viviam antes, dificilmente resistem ao uso de

drogas. Assim, solicitam uma interdição, algo que os impeça de voltar às drogas. A idéia de fazer um tratamento parece ser naquele momento a solução, mas infelizmente esta proposta fica só no imaginário, não se concretiza.

Já fiz tratamento (...) deveria ter ficado lá, se tivesse lá não tinha caído aqui novamente. Quando sair daqui quero voltar a fazer o tratamento, já está tudo certo(...)O que eu preciso é de um tratamento (A. 32 anos).

Não tem ninguém que valorize a gente. Falta é ser valorizado, alguém que diga: ‘Eu sei que tu pode’.Não tem oportunidade, eu queria trabalhar e fazer um tratamento para droga. Sair daqui assim, sem apoio volta ser a mesma coisa (...). Trabalhar, fazer um acompanhamento de grupo. O problema (...) é o mundo, é a droga (...) falta oportunidade (D. 23 anos).

Há uma necessidade do reconhecimento do outro para conseguir se identificar com algo que valorize o sujeito. Sendo identificado como um sujeito “mau”, as possibilidades de alcançar esse desejo de reconhecimento ficam remotas. Segundo Rassial^{6:p.115}, “com efeito, a droga é o instrumento de um curto-circuito do desejo, pela demanda de um objeto que existe e insiste lá onde o objeto do desejo não pode senão se revelar faltante.” A droga possibilita esta satisfação imediata do desejo, ocupando o lugar desse objeto faltante.

Não me considero um marginal, considero uma pessoa que não teve oportunidade, meus pais não são culpados, eles também não tiveram oportunidades. Minha mãe toma antidepressivo até hoje, meu pai bebe muito (D. 23 anos).

Não me considero viciado em drogas, me considero viciado em roubar, todo dia eu tinha que roubar(...)me sentia bem quando roubava, eu tinha o que queria (C. 23 anos).

Quando entram no presídio, alguns sujeitos vivem uma crise de identidade: “Quem sou eu? Sou um marginal, um dependente de drogas?” E é a partir da reflexão de suas próprias ações que eles obtêm as respostas, confirmando-as com o olhar daqueles que estão extramuros da prisão. Para cada detento, a trajetória de sua vida justifica a sua identidade, a qual é considerada por eles como um produto da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É corrente que é o uso de drogas é a principal causa de muitos males, mas no conteúdo dos relatos dos presos, esta manifestação é entendida como um pedido de socorro, uma solicitação pela interdição. A droga como uma prática toxicomaniaca vem aliviar o mal-estar, preenchendo esta falta do objeto do desejo. Ela funciona como uma construção substitutiva, sendo auxiliar para o sintoma que se tornou insuficiente frente aos percalços da vida desse sujeito.

Através dos relatos constatou-se que desde a infância os sujeitos já sofriam situações de violência, que iniciaram dentro do âmbito familiar, expandiram-se na comunidade, tiveram ênfase nas instituições corretivas para adolescentes e hoje no presídio. Os sujeitos foram constituídos por um processo de subjetivação de violência, que possibilitou a construção dessa identidade de delinquente. Para suportar este lugar como um de fora, os sujeitos acabam encontrando na droga a possibilidade do bem-estar imediato. Com o uso da droga fica mais fácil externalizar toda a revolta contra a sociedade, co-responsável pelo processo de subjetivação do sujeito.

Percebe-se que a relação entre o uso de drogas e a prática de delitos está entrelaçada na trajetória de vida desses sujeitos que constituem a população carcerária. A droga e o delito estão interligados, um complementa o outro, ora é praticado o delito para a compra de drogas, ora é consumida a droga para praticar o delito, constituindo assim uma parceria perfeita para transgredir a lei, que de certa forma produz uma satisfação nestes sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cruz MS, Ferreira SMB. Determinantes socioculturais do uso abusivo de álcool e outras drogas: uma visão panorâmica. In: Cruz MS, Ferreira SMB. (Org), Álcool e drogas, usos, dependência e tratamentos. Rio de Janeiro: IPU/CUCA; 2001.
2. Santiago J. A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2001.
3. Freud S. Os caminhos da formação do sintoma. In: Freud S. (1916 [1917]). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. (parte III), Vol XVI, Rio de Janeiro: Imago; 1996.
4. Pacheco RAF, Coelho NJ, Rosa MD. Ciência, pesquisa, representação e realidade em Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo EDUC; 2000.
5. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
6. Rassial JJ. O adolescente e o psicanalista. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 1999.
7. Passetti E. Violentados: crianças, adolescentes e justiça. 2ª ed. São Paulo: Imaginário; 1999.
8. Lira PO, Carvalho GMM. A lógica do discurso penitenciário e sua repercussão na constituição do sujeito. Psicologia: Ciência e Profissão 2002; 22(3): 20-31.
9. Phillippi JN. A lei: uma abordagem a partir da leitura cruzada entre direito e psicanálise. Belo Horizonte: Del Rey; 2001.